



JORNAL
comum

BAN ANÊ IRÁ

comunicar ciência



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS

editorial

BAN ANE IRA

comunicar ciência

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...] O rizoma é aliança, unicamente aliança. [...] O rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...'.
(DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Bananeiras são operações lindas. Uma forma toda especial que raízes, caules e folhas encontraram de fazer vida. Aquilo que gente costuma chamar de **rizoma**.

Ou, simplesmente, comunidades.

Bananeiras fazem comuns.

E bananeiras são banalidades, comuns. Dá em qualquer canto. Geni.

Olhando as bananeiras a gente vai entendendo que outras formas de operar podem ser inventadas. Outras formas de expandir. Outras formas de produzir. Outras formas de comum-nicar.

Outras formas de fazer ciência? Por que não?

Multiplicando ideias, afetos e prazeres? Artistando? É isso que queremos desembolar aqui!

Folha de bananeira na mão, essa é uma plataforma que se dedica a pensar-sentir-discutir ciência & comunidade & quantas conexões forem possíveis a partir da produção de pesquisadores e pesquisadoras e suas áreas de interesse.

O Jornal Comum é um projeto de extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais, da Unidade Divinópolis e é escrito para todas e todos que se interessam em ser comum, banal, comunitário.

Para todas e todos que sonham com uma ciência possível e acessível.

Para todas e todos nós. E todas e todos que não somos também.

Escrevemos porque insistimos em conexões não-óbvias e na defesa pela vida.

As vozes e corpos.

Vozes de gritos. Vozes de silêncios.

Corpos que tem muito a dizer.

Corpos que sabem. Corpos que ainda estão pra descobrir.

Vozes juntas num falatório que viram rizoma.

E também todas juntas, em silêncio, escutando, acolhendo.

Nesse movimento de vozes, produções, corpos e ciência, a forma de operar é simples: fazemos nossa cuca de banana, passamos um café e promovemos encontros. Conversamos sobre nós, sobre experiências, sobre produções, sobre tomar a ciência pelas mãos.

Na conversa, o Jornal é escrito, a ciência já é feita, o comum já é vivo. E por aqui vamos ampliando o espaço dos nossos debates, reflexões e sentipensares.

O que temos feito? O que temos deixado de fazer? Como temos feito? Como temos sentido? Como temos pensado? Como temos evitado as mortes? O que temos feito com as vidas?

Em que temos insistido?

Porque é uma insistência!

Insistência em falar.

Insistência em ouvir.

Insistência em dar as mãos.

Insistência em tornar a ciência comunitária.

Insistência em fazer festa.

Insistência.

Insistência.

Insistência.

Todo dia quando acordamos e quando tentamos um jeito bom pra dormir.

Quando estamos na rua, na sala de aula, no campo, no laboratório, na casa.

Insistência porque às vezes cansa.

Insistência em vida. Em bio-logias.

Queremos, por isso, re-inventar nesse Jornal o comum que descobrimos nas bananeiras. Produzir conteúdo relevante. Fazer uma coisa diferente nessa estação.

E daí, vem fazer ciência, vem!

Neilton dos Reis, editor

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.

